

Editorial

Apresentamos ao público um novo número da Revista Libertas, que tem como tema central o Serviço Social internacional. Mas, antes de adentrarmos na apresentação da Revista, não poderíamos deixar de mencionar alguns dados sobre o Brasil, onde a publicamos, ainda no contexto de pandemia. Queríamos chamar a atenção para os últimos dados sobre o crescimento da fome. Conforme os dados da ONG Brasil sem fome¹, mais de 33 milhões de pessoas passam fome, hoje, no país. Pesquisa realizada pelo Observatório Brasileiro de políticas públicas com a população em situação de rua, da UFMG², mostram que no Brasil, em maio de 2022, 47 milhões de pessoas vivem em situação de extrema pobreza e 75 milhões de brasileiros vivem com meio salário-mínimo ou menos. Seguindo a lógica do capitalismo depredador e de lei geral da acumulação capitalista, há tantos anos desvendada por Marx³, temos que, ao mesmo tempo em que cresce de maneira exponencial a pobreza, cresce a acumulação da riqueza em “poucas mãos”. Os dados oficiais mostram que os ganhos do agronegócio cresceram exorbitantemente nos últimos anos. Conforme os dados do governo⁴, o agronegócio teve saldo positivo de US\$ 43,7 bilhões no acumulado do ano de 2022. Na mesma linha, temos o desmatamento no Brasil que vem crescendo nos últimos anos em uma escala sem precedentes, produzindo queimadas e amplificando ainda mais a violência em torno da terra. O Brasil é considerado o quarto país mais violento e perigoso para ambientalistas. No momento em que escrevemos este editorial, o mundo está consternado pelo brutal assassinato do jornalista inglês Dom Phillips e do indigenista e funcionário da FUNAI Bruno Pereira, reconhecidos defensores da Amazônia e de seus habitantes originários. Do outro lado do mundo, a Guerra na Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022 e sem previsão de desfecho. Assim questionamos quanto vale a vida humana? A que ponto da banalização da vida humana chegamos! O que vem mudando em termos geopolíticos? Sem dúvida estamos num mundo “globalizado”, “mundializado” e as respostas daqueles que

¹ <https://www.brasilsemfome.org.br/> acessado 15 de junho de 2022.

² <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2022/06/15/75-milhoes-de-brasileiros-vivem-com-meio-salario-minimo-ou-menos-diz-levantamento.ghtml>, acessado no dia 16 de junho de 2022.

³ MARX, K. *O Capital. Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital.* Cap XXIII. São Paulo: Boitempo, 2013

⁴ <https://www.gov.br/pt-br/noticias/agricultura-e-pecuaria/2022/05/agronegocio-tem-saldo-positivo-de-us-43-7-bilhoes-no-acumulado-do-ano>

nos importamos com a vida humana, com a exploração, também deverão ser globais ao mesmo tempo que locais. É necessário ter um olhar atento ao mundo, às transformações em curso, para poder compreender como se expressa hoje a Questão Social, conforme analisa Iamamoto a radicalização da Questão Social⁵. A profissão de Serviço Social surge justamente para responder às expressões da Questão Social, portanto, é o espaço privilegiado de atuação profissional. Sabemos das diferenças e tensões que existem ao interior do Brasil sobre a compreensão da profissão e seus fundamentos, mas ainda, muito resta por conhecer, não só com relação ao Brasil “profundo”, mas no diálogo que nossa forma peculiar de vida e existência estabelece com América Latina e o Caribe, assim como com outros países do mundo.

Desta forma, este número da Revista está destinado justamente ao Serviço Social internacional, ainda pouco conhecido em todos os seus fundamentos teórico-metodológicos, ético e políticos pelos assistentes sociais brasileiros. Diversos motivos, que não cabem aqui debater, levaram historicamente a este “desconhecimento”; a questão da língua portuguesa no Brasil e espanhola na maioria de América Latina pode ser uma das explicações, mas, sem dúvida, existiram outros que merecem uma pesquisa aprofundada, no momento em que nos encontramos em um processo de internacionalização do Serviço Social brasileiro, incentivado pela própria internacionalização das diversas ações de pós-graduação. Mas é bom explicitar que o “processo de internacionalização” ou ainda, a integração do Serviço Social de América Latina não é uma “novidade”, sendo anterior ao movimento indicado: ela vem sendo construída desde a década de 1960, como expressa o Movimento de Reconceituação de América Latina⁶.

Como é sabido, o Serviço Social surge no Brasil na década de 1930, já influenciado pela doutrina social da igreja católica, especialmente pelas correntes franco-belga (IAMAMOTO, 1986) que, ante o processo de laicização do mundo, e especialmente das classes operárias, buscavam estratégias para revertê-lo. Conforme a mesma autora, será na década de 1940 que se processará, no caso do Serviço Social brasileiro, o arranjo teórico-doutrinário com a decisiva influência do pensamento positivista, sobretudo estadunidense na profissão. Na década de 1950,

⁵ IAMAMOTO, M. V. Serviço Social em tempo de capital fetiche – Capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez Editora, 2007

⁶ O Primeiro artigo do Dossiê expressa as produções atuais sobre o Movimento de Reconceituação e as interlocuções internacionais. Conferir IAMAMOTO, M. V.; Santos, Claudia Mônica dos (orgs). **A história pelo avesso – a reconceituação na América Latina e interlocuções internacionais**. São Paulo: Cortez Editora, 2021; EIRAS, A A L T S (Org.); MOLJO, C, B (Org.) ; Duriguetto, M L (Org.) . **Perspectivas histórico-críticas no Serviço Social: América Latina, América do Norte e Europa..** 1. ed. JUIZ DE FORA: UFJF, 2022. v. 500. 176p . Este último livro pode ser acessado de forma gratuita: https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2022/03/PERSPECTIVAS-HISTORICO-CRITICAS_BA04.pdf

já sob os influxos do pós-guerra e o pensamento desenvolvimentista, o Serviço Social processará no nosso continente um período de maior integração, que pode ser observado nos congressos pan-americanos⁷, nos encontros Regionais da América do Sul (1965), nas “missões das Nações Unidas” procurando “modernizar” os Programas das Escolas de Serviço Social no continente⁸, sendo ainda menor o quase inexistente a integração com os países europeus. Na década de 1960, fruto do contexto internacional de grande “agitação social e política”, mas também de um esgotamento de um modelo de acumulação, temos movimentos de resistência e de contrarrevoluções preventivas pelo mundo todo. Se, por um lado, temos as Revoluções cubana, chinesa, e os movimentos de libertação do terceiro mundo, também temos a onda de ditaduras na América do Sul, na Europa entre outros. A realidade tensionava o Serviço Social, assim como as outras profissões, a compreender o contexto no qual se desenvolviam, entendendo que as nações imergiam em um mundo “globalizado”, mesmo que dividido pela Guerra Fria.

O Serviço Social não foi imune a este processo, como sinalizamos no começo deste editorial. No Brasil, a profissão nasce sobre a influência de várias correntes de pensamento internacional e é na década de 1960 que começa a construir a sua identidade latino-americana, influenciada pelo Movimento de Reconceituação de América Latina (1965-1975), que recebeu os influxos dos marxismos, da teologia da libertação, da teoria da dependência, da pedagogia de Paulo Freire, dentre outras. A crueldade e a violência das ditaduras na América Latina acabaram por "atrasar", mas não impedir o processo de integração que vinha se processando⁹. Com o retorno das democracias no Cone Sul, o Serviço Social da nossa região se fortalece e continua seu caminho de cooperação. Temos, em 1996, a criação do comitê Mercosul de organizações profissionais de Serviço Social (MANSILLA, 2011), assim como a cooperação no campo da pós-graduações, no qual o Brasil terá um papel fundamental¹⁰. Podemos afirmar que o Serviço Social do nosso continente vem se integrando e construindo uma agenda de pesquisa, de formação e de organização profissional no campo do Serviço Social Crítico e

⁷ O Primeiro Congresso Panamericano de Serviço Social foi realizado no Chile em 1945, sobre esta influência que fundado no Brasil o Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CBCISS em 1946, que será o responsável pela organização dos famosos encontros de Araxá (1967), teresópolis (1970), Sumaré (1978) e Alto da Boa vista entre outros.

⁸ CF ALAYON (2007) MOLJO (2005)

⁹ Lembremos que o CELATS foi fundado em 1975(Centro Latinoamericano de Trabajo Social, promovendo linhas de pesquisa, documentação e docência de Serviço Social para toda América Latina, inclusive o Primeiro Mestrado em Serviço Social da América Latina criado pelo CELATS em 1978 em Honduras. A Revista Acción Crítica da Alaets-Celats, desde 1979

¹⁰ Pensemos nos acordos de cooperação internacional da PUC/SP com a universidade Nacional de La Plata em 1995 que instauraram o primeiro mestrado em Serviço Social da Argentina.

comprometido com a classe trabalhadora há muitas décadas. O ano de 2012, revela este processo, quando no encontro realizado no Rio de Janeiro, (Declaração de Rio de Janeiro), é debatida e defendida a concepção de um Serviço Social Crítico, a ser apresentado no Congresso Mundial de Serviço Social em Estocolmo; esta foi a definição de profissão defendida na assembleia mundial realizada no mesmo ano¹¹. O Congresso Mundial organizado pela FITS (Federação Internacional de Serviço Social) propiciou um importante diálogo e articulação política com diferentes países, especialmente com os de língua inglesa, que vêm defendendo o Serviço Social Radical, com similitudes e diferenças com o que aqui denominamos Serviço Social Crítico. Sem dúvida, os anos 2000 foram um período de debates internacionais, que propiciaram as agendas de pesquisas e cooperação internacionais que temos na atualidade. O Serviço Social no mundo é muito diferenciado entre si, não só no interior da América Latina, mas também na Europa ou nos Estados Unidos, nos países da África e da Ásia. Ainda pouco sabemos das experiências de formação e trabalho profissional do Serviço Social em países como Austrália; portanto, temos um importante caminho a percorrer e este número da Libertas, busca justamente apresentar, mesmo que de forma inicial esta diversidade.

Como mencionamos, há mais de 30 anos vem se processando a integração do Serviço Social no continente, mas também com o Serviço Social de outros continentes. É com esse objetivo que a Revista Libertas buscou apresentar ao público brasileiro algumas das experiências e tendências do Serviço Social internacional. Assim, abrimos a Revista Libertas com o artigo *A História pelo Avesso: uma pesquisa internacional “em rede” de pesquisadores/as*, de autoria das professoras Cláudia Mônica dos Santos e Marilda Villela Yamamoto. Neste artigo, as autoras apresentam a exitosa experiência de trabalho em rede na pesquisa denominada “O Movimento de Reconceitualização do Serviço Social na América Latina: determinantes históricos, interlocuções internacionais e memória (1960- 1980)”. Experiência de cooperação internacional, cujos frutos se expressaram para além das publicações de livros, artigos, seminários, colóquios e *lives*: eles se mostram no fortalecimento da pesquisa internacional, que envolvendo instituições nacionais e internacionais alarga-se para outros países não contemplados na primeira etapa, dando continuidade ao processo de internacionalização das pós-graduações

O segundo artigo que compõe o Dossiê, denominado *Rede Ibero-Americana de Investigação em Serviço Social: diálogos, cooperação e produção de conhecimento*, de autoria

¹¹ Na entrevista realizada com a professora Silvana Martinez, que consta nesta revista, a entrevistada analisa este processo.

das professoras Yolanda Guerra (Brasil), Alcina Martins (Portugal) e Virginia Carrara (Brasil), apresenta outra experiência de pesquisa expressa na Rede Iberoamericana de Serviço Social. O Artigo questiona a lógica positivista de pesquisa presente nos órgãos internacionais, que se contrapõe a rica e fecunda experiência de pesquisa que a rede iberoamericana apresenta. O artigo, além de fornecer uma análise do que implica hoje a internacionalização, apresenta os dados sistematizados sobre a Rede Iberoamericana na atualidade e seus desafios.

O terceiro artigo do Dossiê, fruto do processo de internacionalização das pós-graduações e da realização do estágio pós-doutoral de uma das autoras, denominado *Serviço Social na Espanha: aproximações com a ética profissional*, de Tatiana Reidel, Laís Duarte Corrêa e Maria Luiza Mendo, analisa dimensão da ética profissional no Serviço Social espanhol, especialmente como se particulariza na formação dos assistentes sociais espanhóis. A pesquisa analisou os Planos de Ensino de 38 instituições universitárias de Serviço Social, concluindo que existe um ecletismo no trato da ética profissional na Espanha.

O quarto artigo do Dossiê, denominado *Elementos do passado-presente na relação entre o Serviço Social Estadunidense e o Serviço Social Brasileiro*, de autoria de Franqueline Terto dos Santos e Valéria Coelho de Omena, trata sobre a gênese e desenvolvimento do Serviço Social estadunidense, assim como seu desenvolvimento posterior e configuração atual. Finalmente o artigo busca construir um diálogo crítico entre o Serviço Social brasileiro e o estadunidense.

O quinto artigo do Dossiê, denominado *Serviço social internacional e ditaduras: notas sobre o surgimento e a institucionalização do serviço social no Brasil e na Espanha sob o contexto ditatorial*, de autoria de André Luciano Silva, analisa o Serviço Social nos dois países, especialmente seus desenvolvimentos em períodos ditatoriais. O autor apresenta elementos que evidenciam similitude e divergências, permitindo compreender a história da profissão em ambos os lugares.

O sexto artigo do Dossiê, denominado *Trabajo Social no Paraguai: os caminhos da formação profissional*, de autoria de Filipe Silva Neri e Mabel Mascarenhas Torres, traz uma contribuição inédita sobre a formação profissional naquele país, analisando os Planos de Estudos, bibliografia e documentos presentes na literatura paraguaia. Os autores apresentam a perspectiva crítica presente na formação a partir dos anos 2000, subsidiados na legislação, normativas e código de ética.

O sétimo artigo do dossiê, denominado *La posicionalidad geopolítica en la investigación bajo las exigencias del capitalismo cognitivo: análisis de las trayectorias de investigación de trabajadoras/es sociales en Chile*, de autoria das professoras chilenas

Gianinna Munoz Arce e Gabriela Rubilar Donoso apresentam a experiência de um grupo de pesquisa vinculado a uma universidade chilena. O grupo de pesquisa tem como supostos teóricos de trabalho a teoria crítica, o pensamento decolonial, perspectivas interseccionais, *critical race theory* e teorias de posicionamento indígena. As autoras analisam a trajetória de pesquisa de diversas assistentes sociais e questionam como foram construindo as suas trajetórias, apresentando a noção de posicionalidade geopolítica.

Finalmente fechando o Dossiê sobre o Serviço Social internacional, temos o artigo *A ABEPSS na internacionalização do Serviço Social do Brasil*, de Ramiro Marcos Dulcich Píccolo, atual coordenador de Relações Internacionais da ABEPSS. O artigo reflete sobre as linhas de trabalho e os desafios contemporâneos das relações internacionais da ABEPSS, no contexto caracterizado pela ofensiva do capital que se apoia em setores ultraconservadores, defensores de doutrinas e valores neofascistas e neonazistas.

Abrindo os artigos de *Fluxo Contínuo* temos o nono artigo denominado *Financiamento da assistência social em Belém: um estudo sobre fundo municipal entre 2006 e 2017*, de Zaraia Guará Ferreira, que traz uma análise teórica e empírica sobre o financiamento de assistência social em Belém. Sem dúvida, uma grande contribuição para a análise do financiamento público.

O décimo artigo denominado *A trajetória das políticas sociais para a população idosa e a imagem social das velhices*, de autoria de Melina Sampaio de Ramos Barros e Angela Vieira Neves, analisa as políticas sociais destinadas à população idosa e a imagem que socialmente construída sobre essa população. Partindo de análise documental, as autoras concluem que a sociedade civil trata a velhice a partir de uma lógica assistencialista e familiar. Com relação ao Estado, as autoras percebem significativo atraso no trato dos direitos.

O décimo primeiro artigo, denominado *A morte por Covid-19 bate à porta das/os assistentes sociais no Brasil*, de Fabiola Xavier Leal; Maria Lúcia Garcia, Mylena C.P. Silva e Nina G. M. Moisés, apresenta um estudo documental embasado nos dados do CFESS e da ABEPSS sobre a morte de assistentes sociais pelo Covid-19. O artigo conclui que a maioria das mortes foram de mulheres entre 40 a 61 anos que atuavam no SUS e que não tiveram acesso à vacina.

O décimo segundo artigo, denominado *Reunião multiprofissional na alta complexidade: perspectiva do usuário em sua integralidade*, de autoria de Amanda Caroline da Fe Pereira, Ana Paula Barboza Dantase e Ilka de Lima Souza, buscou analisar a reunião multiprofissional como instrumento a ser utilizado na perspectiva de qualificar o cuidado integral aos usuários

internados num hospital universitário, ainda mostra a necessidade de educação permanente da equipe multidisciplinar, buscando uma maior capacitação e integração da equipe e desta com os usuários.

O Décimo terceiro artigo, denominado *Trajelórias criminais e reinserção social de ex-reclusos/as: uma revisão da literatura*, de autoria de Eva Raquel Xavier De Melo Gil Chaves, Clara Maria Rodrigues Cruz Silva Santos e Vera Mónica da Silva Duarte, analisa, a partir da revisão de bibliografia em bases de dados internacionais, a questão da reincidência criminal, considerando fatores da trajetória de vida e de trajetória criminal dos indivíduos. As autoras sinalizam “a necessidade de uma leitura crítica sobre as trajetórias de vida dos indivíduos”, e salientam a “existência de lacunas no acompanhamento dos reclusos/as em contexto prisional que podem apresentar-se como um obstáculo à reinserção social destes indivíduos”.

O décimo quarto artigo denominado *Contribuições da teologia da libertação para a reconceitualização do serviço social*, de Guilherme Costa dos Reis e José Fernando Siqueira da Silva, apresenta os resultados de uma pesquisa cujo objeto de análise foi a teologia da libertação na América Latina e a sua influência para o Serviço Social. Trata-se de um estudo teórico referenciado em diferentes fontes bibliográficas nacionais e internacionais

Finalizando esta sessão, temos o artigo de Vitor Bartoletti Sartori, *Karl Marx diante da miséria e da constituinte alemãs em 1848*, onde o autor, com o rigor da leitura imanente, analisa as diferenças entre o Manifesto Comunista e os artigos da Nova Gazeta Renana, em uma fecunda proposta de compreensão das elaborações concretas de Marx a respeito da política, mais precisamente, da situação alemã.

Fechando a revista, temos na seção de **entrevistas** a importante contribuição da professora argentina, presidente da FITS, Silvana Martinez, entrevistada pela professora Carina Berta Moljo, denominada *La Federación Internacional de Trabajadores Sociales (FITS) e los trabajadores sociales en el mundo*. Nesta entrevista, a professora analisa a trajetória da FITS, desde a sua gênese, até os dias atuais, destacando o ano de 2012, no qual se articula uma nova concepção de Serviço Social internacional, e o ano de 2018, em que, pela primeira vez, a Região de América Latina e Caribe chegam a presidência da FITS. Finaliza a entrevista apresentando os desafios atuais. E a seção *Tradução dos Clássicos*, que traz o texto de Franco Basaglia, *A liberdade comunitária como alternativa ao retrocesso institucional*, traduzido por Ronaldo Vielmi Fortes e com revisão de Alexandre Arbia. Um dos principais expoentes mundiais da luta antimanicomial, Basaglia atuou ativamente na problematização que levou à reformulação da política de saúde mental na Itália. O texto em questão, de elevado valor histórico e heurístico, traz uma pequena amostra da contribuição de Basaglia no “calor da hora” – sua análise crítico-

positiva sobre as comunidades terapêuticas, seu empedernido combate contra o modelo manicomial e sua genial compreensão dos vínculos entre o modelo hierárquico dos manicômios e a própria hierarquia social. Basaglia compreendeu, muito rapidamente, que qualquer reformulação positiva da saúde mental não poderia ser pensada sem uma problematização mais ampla, da própria sociedade na qual a relação entre médicos e pacientes estavam inseridos.

Boa leitura!

Os editores

Referências

- ALAYÓN, Norberto. *Historia del Trabajo Social en Argentina*. Espacio Editorial, Buenos Aires, 5ta. Edición. 2007.
- IAMAMOTO, M. V. *Serviço Social em tempo de capital fetiche – Capital financeiro, trabalho e questão social*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- IAMAMOTO, Marilda & CARVALHO, Raul. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Cortez, Lima: CELATS, 1986.
- MANSILLA, S. A. Una aproximación crítica e histórica de la organización política de los trabajadores sociales de argentina y de la provincia de Neuquén. *Revista de Trabajo Social Plaza Pública*, Tandil, Argentina, FCH – UNCPBA, n 5 p.7-37, 2011.
- MARX, K. *O Capital. Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital*. Cap XXIII. São Paulo: Boitempo, 2013
- MOLJO, C, B.. Considerações sobre o Serviço Social na América Latina. *Praia Vermelha* (UFRJ), v. 24, p. 403-421, 2016.
- MOLJO, C. B. *Trabajadores sociales en la historia. Una perspectiva transformadora*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2005.